



Continuar Portugal

Boletim Juvenil On-Line

Ano I – Nº 12 – 2014 DEZEMBRO

SALAZAR disse ...

«Aos homens de governo compete realizar, até onde seja humanamente possível, esta ideia-máter de anti-partidarismo e de política nacional, afastando, sendo preciso, a actividade de alguns para no fim servir a todos».

Prefácio do livro Salazar - o homem e a sua obra por António Ferro, 1933.

... /// ...

O MUNDO PORTUGUÊS

Livro de Leitura para o
Ensino Técnico Profissional

FUNDAÇÃO DO CONDADO PORTUCALENSE¹

Depois que Afonso VI dilatou a fronteira até ao Tejo, dividiu o extenso território ocidental em distritos governados por condes; e, porque estes, afastados da acção imediata do rei, podiam deixar-se dominar por ideias de revolta e independência, procurou Afonso VI evitar o perigo, cometendo a pessoa de família o governo da Galiza até ao Tejo.

Por essa ocasião tinham passado à Península dois ilustres cavaleiros, talvez procurando fortuna em aventuras de guerras e conquistas: Raimundo, filho de Guilherme, conde de Borgonha, e seu primo Henrique, quarto filho de Henrique, neto de Roberto, duque de Borgonha, e bisneto de Roberto, rei de França.

Afonso VI desposou com Raimundo sua única filha legítima, D. Urraca, e encarregou-o do governo da parte ocidental da monarquia.

Em princípios de 1095, também Henrique estava casado com Tareja ou Teresa, filha bastarda que Afonso VI tivera de uma nobre dama chamada Ximena Nunes ou Muniones.

(Continua¹ 1 de 2)

NOÇÕES DE GEOGRAFIA

Ensino Primário

ASPECTOS POR QUE SE APRESENTAM OS ACIDENTES DA SUPERFÍCIE TERRESTRE.

NOMENCLATURA GEOGRÁFICA²

Seja qual for o ponto do país que nós habitamos observaremos que a superfície do terreno raras vezes é plana e uniforme. Tem, pelo contrário, rugas formadas por certas porções salientes entremeadas de outras mais baixas e escavadas. Assim, por exemplo, o habitante de Lisboa observará que, além da grande porção de casas que constituem propriamente a cidade com os seus arruamentos, edifícios, jardins, etc., o terreno é muito acidentado por muitos altos e baixos, como por exemplo a Graça, a Estrela ou o Rossio e o Terreiro do Paço. Além disso, Lisboa é banhada por um grande e largo rio, o Tejo, que, vindo do interior da Espanha, serve, por via de grandes e pequenas embarcações, de comunicação entre as diversas povoações das margens e vai desaguar no mar, perto de Oeiras. Quem, ao contrário, viver em Beja observará que a cidade, muito mais pequena que

(Continua² 1 de 15)

João Gomes – Lisboa

www.oliveirasalazar.org – info@oliveirasalazar.org – TM: 962296833

A Henrique foi dado, nesse ano ou no anterior, o governo do Condado Portucalense, sob a dependência de Raimundo; mas tal sujeição terminou breve, talvez por ser difícil defender a fronteira, estando tão afastado o centro do governo da província.

Passaram os primeiros anos do governo de D. Henrique, sem nenhum acontecimento importante.

Em 1103, obedecendo ao movimento das Cruzadas, partiu para a Palestina, mas não há memória dos seus feitos no Oriente. Em 1105 tinha já voltado, e desde então viveu ora na corte de Afonso VI, ora em Coimbra, cuidando em administrar as suas terras e restaurar as povoações assoladas pela guerra.

Morto o rei de Leão, planeou D. Henrique suceder-lhe no trono; mas, como não o favorecesse a sorte, limitou as suas ambições a consolidar e alargar os seus domínios.

Para isso, aproveitou as desordens da monarquia leonesa e as discórdias da rainha D. Urraca com o seu segundo marido, Afonso I, rei de Aragão.

Tomou quer o partido de uns, quer o de outros, conforme as vantagens que lhe ofereciam, mas veio a falecer em Astorga, sem, de facto, ver alargado o seu território (1114).■

FORTUNATO DE ALMEIDA
História de Portugal

Lisboa, ocupa o centro de uma região pouco acidentada mas notável pela intensa cultura do trigo que faz daquela região o maior celeiro de Portugal. E assim para todos os pontos do país. Por forma que o estudante de geografia, para fazer ideia da superfície da Terra, precisa observar em primeiro lugar a região que habita, e para isso será guiado pelo seu professor, e depois, visto que não pode viajar por todo o país e por toda a Terra, o que seria a melhor maneira de aprender a geografia, tem de auxiliar-se dos livros e dos mapas que lhe indicam as principais formas da superfície da Terra e tudo quanto de importante existe à sua superfície.

E como são variados os aspectos da superfície terrestre e variadas as suas formas, os homens deram a esses aspectos e formas diversos nomes. O conhecimento desses nomes é o que se chama a **nomenclatura geográfica**.

Como atrás dissemos, a superfície da Terra não é lisa como a de uma bola de bilhar: pelo contrário, tem montes formados por certas porções salientes entremeadas de outras mais baixas e escavadas.

Nas maiores escavações acumula-se a grande quantidade das águas do **mar**; nas escavações menores a água dos **lagos** e a dos pântanos (fig. 6), e nas regiões mais ou menos inclinadas, situadas entre as terras elevadas, correm as águas dos **rios**.

As águas do mar são salgadas, têm, de ordinário uma cor azul esverdeada e ocupam três quartas partes da superfície da Terra. São constantemente agitadas pelas **ondas** e pelas **marés**. As ondas quando muito grandes chamam-se **vagas** e são devidas à acção dos ventos que sopram sobre a superfície do mar; as **marés** consistem em um duplo movimento de subida e descida das águas marítimas, movimento que se

(Continua²)

realiza aproximadamente no prazo de doze horas e meia.

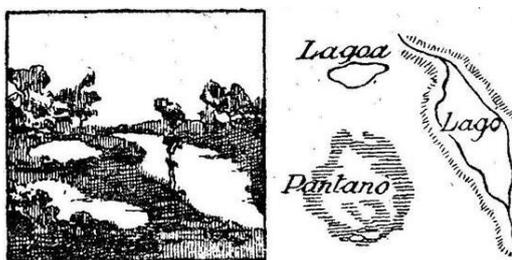


Fig. 6 – Lago – Lagoa - Pântano

O momento em que as águas sobem à maior altura chama-se a **preamar** e o momento em que descem mais baixo é o da **baixa-mar**.

As águas dos **lagos** e das **lagoas**, que são os lagos pequenos, podem ser facilmente renovadas pela corrente estabelecida entre as águas dos rios que os lagos recebem e as que deixam escoar em outros pontos; ao passo que as águas dos pântanos, sempre pouco profundas, permanecem estagnadas e, permitindo assim o apodrecimento das plantas e animais mortos, expõem os habitantes da vizinhança a doenças graves e a febres malignas.

Pela sua parte, as porções mais salientes de superfície terrestre podem revestir diversos aspectos.

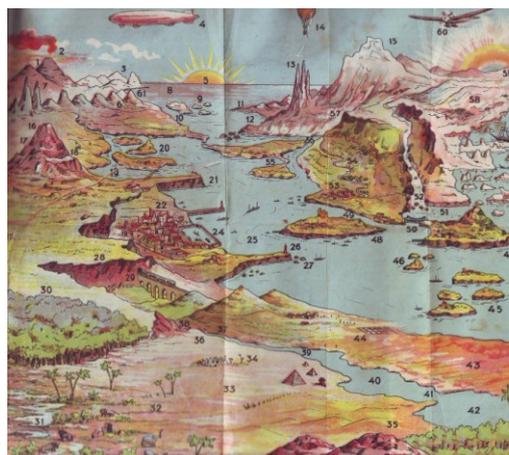
São pois variadas as formas da camada exterior da Terra.

Em primeiro lugar há grandes porções de terra banhadas pelas águas do mar que se chamam **continentes**.

Além dos continentes há outras porções de terra mais pequenas, também rodeadas de água, que receberam o nome de ilhas (fig. 7); e, conforme as ilhas são circundadas pelo mar, pela água dos lagos ou pela água dos rios, assim se denominam **marítimas**, **lacustres** e **fluviais**.

(Continua²)

Panorama Geográfico



1 Cratera	31 Pântano
2 Vulcão	32 Região equatorial
3 Montanhas	33 Deserto
4 Dirigível	34 Oásis
5 Sol	35 Dunas
6 Cordilheira	36 37 Margens
7 Picos	38 Nascente
8 Mar	39 Rio
9 Ilhas	40 Estuário
10 Estreito	41 Foz
11 Cabo	42 Lago
12 Baía	43 Planície
13 Agulhas	44 Salinas
14 Balão esférico	45 Arquipélago
15 Geleiras	46 Ilhéu
16 Cimo ou cume	47 Península
17 Monte	48 Ilha
18 Encosta ou vertente	49 Canal
19 Base ou supé	50 Ponte
20 Delta	51 Cachoeira
21 Promontório	52 Catarata
22 Cidade	53 Vila
23 Viaduto	54 Estrada
24 Doca	55 Istmo
25 Pôrto de mar	56 Afluente
26 Farol	57 Desfiladeiro
27 Escolhos	58 Região polar
28 Planalto	59 Aurora boreal
29 Túnel	60 Avião
30 Floresta virgem	61 Gólfio

As **ilhas** e as **ilhotas**, que são as ilhas mais pequenas, podem aparecer próximas uma das outras, formando grupos que se chamam **arquipélagos**.

A parte dos continentes e das ilhas que fica mais próxima do mar denomina-se **costa** ou **litoral**. A costa segue sempre numa linha mais ou menos sinuosa, pode ser alta ou baixa e apresenta às vezes formas especiais e características.

(Continua²)

Chama-se **praia** a costa baixa e arenosa que desce suavemente para o mar; **arriba**, a costa escarpada formada de rochedos sobranceiros ao mar (fig. 8).

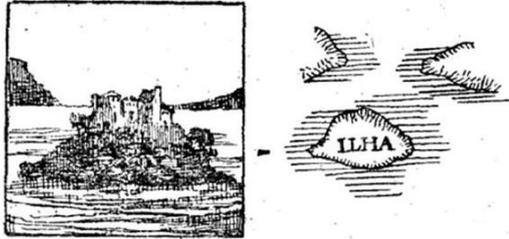


Fig. 7 - Ilha

Quando uma porção de terra do litoral avança muito para o mar denomina-se **cabo**, **promontório** quando a terra é elevada, ou **ponta** quando a terra que se estende pelo mar não é elevada (fig. 9); se, pelo contrário, é o mar que penetra num recorte ou côncavo da costa, diz-se que aí há um **golfo** ou, ainda, **baía**, no caso de o recorte ser bastante regular e pouco extenso (fig. 10).



Fig. 8 - Arriba

Os recortes do litoral abrigados dos ventos e de fácil comunicação com a terra, onde os navios podem fundear em segurança, dominam-se **portos marítimos**. Às vezes um porto natural pode ser afeiçoado pela mão do homem, de maneira a dar mais segurança aos navios, e, nesse caso, chama-se **porto artificial**.

Nas margens dos rios também podem

(Continua²)

encontrar-se abrigos semelhantes aos dos portos marítimos: são os **portos fluviais**.



Fig. 9 - Cabo, ponta ou promontório

Também acontece que do corpo de um continente ou de uma ilha sai uma **península**, isto é, uma porção considerável de terra que se alarga sobre o mar mas continua ligada ao continente ou à ilha; às vezes essa ligação faz-se por uma tira mais estreita de terra denominada **istmo** (fig. 11).

A pequena porção de mar que separa dois continentes, duas ilhas, ou uma ilha e um continente tem o nome de **estreito** (fig. 12); se o estreito é comprido, se tem proximamente a mesma largura em toda a sua extensão, ou se foi rasgado pelo trabalho do homem, chama-se **canal**.

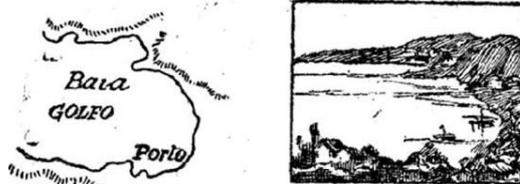


Fig. 10 - Baía. Golfo. Porto

NARRATIVA — Os dois quadros da (fig. 13) fazem compreender o movimento das marés, Duas vezes por dia, o mar sobe lentamente e vai invadindo e a parte inferior das ilhas e dos continentes; do mesmo modo, duas vezes por dia, baixa docemente e deixa a descoberto a parte do terreno que tinha submergido durante a maré alta. A comparação dos dois quadros mostra

(Continua²)

com clareza como varia a forma da costa com a altura da maré.

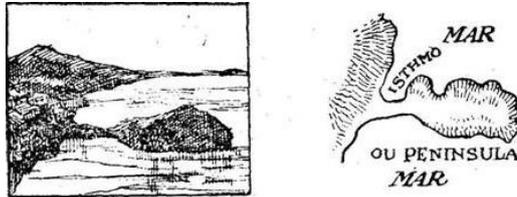


Fig. 11 – Istmo. Península

A terra onde se eleva a casa é, na maré baixa, uma península ligada ao continente por um pequeno istmo. Na maré alta, a península transforma-se numa ilha: o mar cobriu o istmo que se acha agora substituído por um estreito.

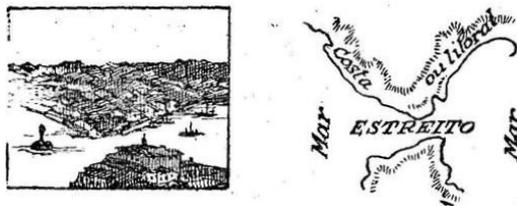


Fig. 12 - Estreito

A partir do litoral, a terra dos continentes e das ilhas costuma elevar-se em alguns casos regularmente e, na maior parte deles, de um modo irregular. Todavia é preso notar que, se nas ilhas a maior elevação nas terras coincide, às vezes, com o centro das mesmas ilhas, nos continentes nunca isso acontece; aí, pelo contrário, as terras mais altas estão sempre fora da parte central e relativamente mais próximas do mar.

Vemos pois que a parte sólida da Terra, situada acima das águas marítimas, tem porções mais altas, porções mais baixas, e umas e outras com diversas formas a que precisamos dar nomes para as sabermos distinguir. Mas, antes de o fazermos, observaremos que o fundo dos mares não é escavado com regularidade e apresenta acidentés

(Continua²)

parecidos com os da superfície da terra livre.

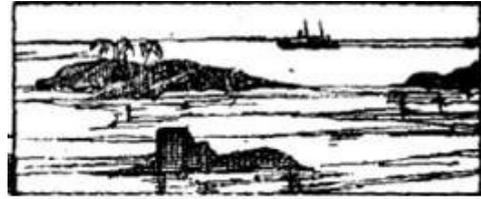


Fig. 13 – Maré alta ou praia-mar.
Maré baixa ou baixa-mar

Quando uma porção de terreno sensivelmente plano, baixo, isto é pouco elevado acima do nível do mar, se estende por um largo espaço do solo, toma o nome de **planície** (fig. 14).

A planície é denominada de diversas maneiras, conforme o seu aspectos. As planícies cultivadas, mas com poucas árvores, chamam-se **campinas**, as férteis e regadas com águas correntes, **várzeas**; as que de quando em quando são inundadas pelas águas dos rios, na ocasião das cheias, **lezírias**; as planícies incultas e cobertas de vegetação bravia e rasteira **charnecas**; finalmente, as grandes planícies arenosas, quási sem vegetação que, felizmente não existem no nosso país, chamam-se **desertos**.

Na sua maior parte, as porções da terra livre não têm a forma das planícies. São mais ou menos elevadas e tomam o nome de **outeiros**, **colinas** (fig. 15), **montes** (fig. 16) e **montanhas** (fig. 17), conforme o grau crescente da sua elevação. Os cumes dos montes e das montanhas estão sempre a mais de 700 metros acima do nível do mar.

Em qualquer das elevações terrestres mencionadas atrás (fig. 16) dá-se o nome de **falda** ou **sopé** à parte que

(Continua²)

começa a elevar-se acima das regiões vizinhas; de **encostas** ou **vertentes** às suas faces laterais, e de **cimo** ou **cume** à parte superior.



Fig. 14 - Planície



Fig. 15 - Colina



Fig. 16 - Monte

As elevações terrestres podem, por excepção, levantar-se isoladamente das planícies. O costume é apresentarem-se em grupos denominados **maciços**, ou em linhas mais ou menos sinuosas que se chamam **cadeias**, **serras** ou **cordilheiras**. A linha dos cumes de uma cadeia tem o nome de uma **cumeada**.

Se duas elevações terrestres são próximas uma da outra, a porção mais baixa de terra situada entre elas

(Continua²)

chama-se **vale** e as encostas que olham para o vale têm o nome de **flancos** do vale. Às vezes também a cumeada das serras elevadas se abaixa em determinados sítios, dando passagem mais fácil de uma vertente para a vertente oposta. Essa passagem chama-se **colo**, **garganta** ou **desfiladeiro** (fig. 18).



Fig. 17 - Montanha



Fig. 18 - Colo, garganta ou desfiladeiro

Nem sempre as elevações terrestres têm a forma de montes ou montanhas; sucede também que uma grande massa de terra bastante elevada, em vez de se adelgaçar muito para tomar o feitio habitual de cume, termina na parte superior por uma região mais ou menos plana ou extensa. Esta forma terrestre recebeu o nome de **planalto** (fig. 10).

Há, finalmente, uma outra forma de elevações terrestres, que vem a ser a de um monte perfurado na parte interior e tendo no cume uma larga abertura

(Continua²)

afunilada denominada **cratera**. Os montes desta natureza (fig. 20) chamam-se **vulcões**, costumam aparecer na superfície das ilhas ou na parte dos continentes mais próxima do mar, e, de quando em quando, dão saída a fumo, cinzas e rochas derretidas, ardentes, que têm o nome de **lavas**.



Fig. 19 – Planalto



Fig. 20 - Vulcão

NARRATIVA — O mar é admirável pelo espectáculo, sem cessar variado, do movimento das suas águas, dos jogos de luz e sombra que nele se reflectem, da sua tranquila serenidade que sucede a fúrias terríveis. Mas as montanhas não são menos interessantes pela beleza majestosa dos seus cumes, pela graça e frescura dos seus vales, e pelo horror dos seus precipícios que nos causam vertigens.

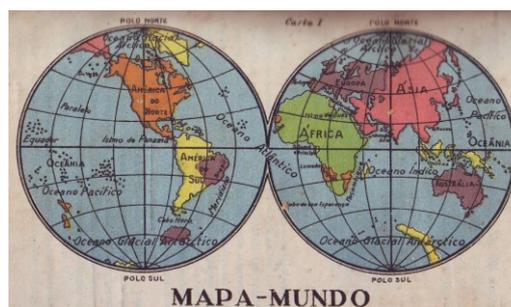
A subida ou ascensão de uma montanha é sempre um exercício sadio e cheio de suaves prazeres. A cada passo recebemos uma agradável surpresa porque encontramos aspectos sempre novos de terreno.

Às florestas sombrias sucedem ásperas e rudes alturas; pastagens floridas deparam-se-nos tapetando rochedos suspensos sobre profundos abismos e fronteiros campos de neve e a cumes

(Continua²)

gigantescos.

Na montanha existe um grande silêncio, apenas interrompido pelo murmúrio das águas correntes; o ar que lá se respira é puro, fresco e perfumado pelo aroma das flores silvestres. É por isso que muitos doentes do peito vão encontrar nesse ar tão sadio as melhoras e, às vezes, a cura completa dos seus padecimentos.



É no fundo dos vales inclinados que correm as águas dos rios; e um rio, para merecer este nome, nunca deve secar, mesmo no Verão. Há outros cursos de água, as **torrentes**, que correm em terrenos muito inclinados, que levam grande volume de águas durante as chuvas de Inverno, mas chegam a secar completamente durante os grandes calores do estio.

Por **fonte** ou **nascente** deve entender-se o ponto donde ele surge da terra. Desse ponto situado, em regra, a muitos metros acima do nível do mar e muito para dentro do litoral, as águas vão descendo e procurando naturalmente o maior declive do terreno. O terreno por onde o rio corre chama-se **leito** ou **álveo** e as terras do lado, que podem ser altas ou baixas, arenosas ou pedregosas, **margens**.

As margens distinguem-se pelos nomes de margem direita e margem esquerda, conforme ficam à direita ou à esquerda da pessoa que estiver voltada no sentido da corrente.

Depois de ter percorrido um trajecto

(Continua²)

maior ou menor, um rio vai desembocar noutro rio, num lago ou no mar. Quando desagua noutro rio chama-se **afluente** desse rio e o ponto onde os dois se reúnem chama-se **confluência**; quando desemboca no mar, o lugar do desagamento tem o nome de foz ou **embocadura**.

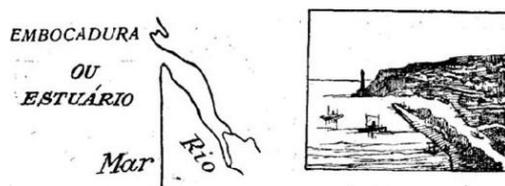


Fig. 21 – Estuário

Diz-se que um rio desagua por um **estuário** (fig. 21) quando, como o nosso Tejo, alarga muito antes de se lançar no mar. Pode porém, a partir de um ponto próximo do litoral, dividir-se em muitos braços e, neste caso, o terreno situado entre os braços do rio tem o nome de **delta** (fig. 22).



Fig. 22 - Delta

NARRATIVA — A maior parte das vezes um rio brota do interior da terra e as suas águas são provenientes das chuvas que se produzem na terra até encontrarem uma camada que se não deixe atravessar por elas; nessa camada circulam até encontrarem a abertura da saída que constitui a *fonte* ou *nascente* do rio.

Outras vezes, porém, o rio vem de altas montanhas cobertas de neves e as suas águas são devidas a essas neves que se

(Continua²)

derretem em parte aquecidas pelo calor do Sol.

As águas das nascentes dos rios vão engrossando pela reunião de regatos que se vão juntando ao rio principal.

À medida que o rio vai seguindo, o seu leito recebe afluentes cada vez mais importantes, e às vezes acontece que o rio, como o nosso Tejo, vai aumentando de largura e de profundidade a tal ponto que nele podem navegar ligeiras embarcações e até grandes navios.

Em qualquer ponto do seu curso o rio, se encontrar uma diferença de nível no terreno do leito, despenha-se com violência e forma assim *quedas* de água, que se chamam simplesmente *quedas* ou *cataratas* (fig. 23) segundo a sua maior ou menor altura.



Fig. 23 – Uma catarata

NOTA — As instruções que acompanham os programas em vigor recomendam que as primeiras noções geográficas devem ser dadas fora da aula. Recomendam que o professor, por meio de excursões ao campo, ao monte, à beira-mar vá ensinando aos seus alunos a maneira de se orientarem e ao mesmo tempo lhes vá indicando os acidentes da terra, o rio, a planície, etc., familiarizando-os com a nomenclatura geográfica.

O professor deverá abster-se de antecipadamente formular definições. E só depois de terem fixado a ideia clara

(Continua²)

(Continuação² 15 de 15)

do que viram é que os alunos deverão formar a definição, sendo este trabalho dirigido ao professor. É só então que a criança deve fixar a definição.

Neste livro, que vai organizado em harmonia com o programa oficial aparecem as definições correspondentes aos principais termos da nomenclatura geográfica.

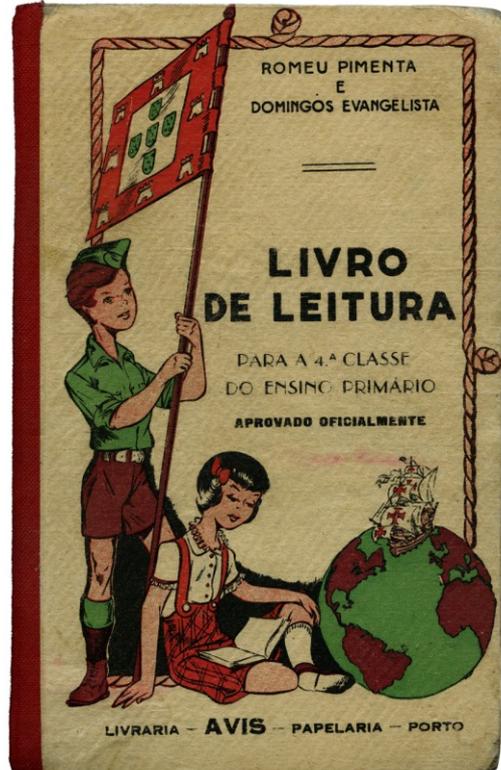
Não podia deixar de acontecer isso num livro de ensino, mas entende-se que, para o livro ser útil, só depois de preparados os alunos com as excursões recomendadas fora da casa da escola é que poderão fixar com vantagem as definições formuladas no livro.

O que dizemos a respeito da nomenclatura geográfica deve entender-se a respeito de qualquer parte do programa de geografia.

Insistir muito neste ponto seria duvidar da esclarecida inteligência dos professores encarregados do ensino.■

NOÇÕES DE GEOGRAFIA
Por Acácio Guimarães

RECORDAR (2de2)



RECORDAR (1de2)



João Gomes – Lisboa

www.oliveirasalazar.org – info@oliveirasalazar.org – TM: 962296833